



CONAHP

Congresso Nacional
de Hospitais Privados **2022**

DESTAQUES

Saúde 2022:
A mudança que o
Brasil precisa

PROGRAMAÇÃO ONLINE



CONAHP 2022:

UM EVENTO MÚLTIPLO E DEMOCRÁTICO

Sob o tema “Saúde 2023: a mudança que o Brasil precisa”, o congresso debateu as transformações necessárias para a saúde pública e suplementar no Brasil, por meio de inovação, tecnologia, sustentabilidade e diálogo

No dia 7 de novembro de 2022 o maior congresso de saúde do Brasil deu início oficialmente a mais uma edição, sob a apresentação da jornalista Izabella Camargo. Desta vez em formato híbrido, os três primeiros dias do Conahp 2022 aconteceram online, com transmissão ao vivo em uma plataforma exclusiva e aberta ao público de forma gratuita. A

modalidade somou 9 mil inscritos, 39 palestrantes e mais de 13 horas de conteúdo.

Antônio Britto, diretor-executivo da Anahp, e Charles Souleyman, presidente da Comissão Científica do Conahp 2022 e CMO da Amil, deram as boas-vindas ao público e abriram oficialmente o evento.



“Estamos otimistas ao ver que a saúde no Brasil, apesar de tudo, tem melhorado. Mas, com espírito realista, sabemos que ainda estamos longe do ideal”, declarou Britto. “Nossa missão é assumir nossa responsabilidade e caminhar em direção a uma saúde de mais qualidade, mais acessível e equitativa.”

Souleyman disse que esta edição do Conahp reflete a realidade no Brasil atual: “Buscamos montar uma programação que estivesse em linha

com que o País está vivendo, saindo de um cenário eleitoral difícil, que vai muito além da Presidência da República e reflete uma população dividida entre ideologias. Somado a isso, temos essa pandemia que não acaba. Considerando todas essas questões, a Comissão Científica realizou um trabalho notável”.

Neste material, você acompanha a cobertura completa dos debates apresentados durante a programação do Conahp online.



A jornalista Izabella Camargo no comando da transmissão ao vivo do Conahp 2022 online.

COMPAIXÃO NA PROMOÇÃO DA SAÚDE

Na abertura do Conahp 2022, Nigel Crisp exaltou a importância de um cuidado holístico e recomendou ao novo governo brasileiro investimento em promoção de saúde e bem-estar para garantir prosperidade

Abrindo a série de plenárias da versão online do Conahp 2022, Nigel Crisp, membro da House of Lords, ex-diretor-executivo do NHS e ex-secretário de Saúde do Reino Unido, falou sobre a importância da atenção para o cuidado do paciente além das portas da clínica: entendendo a comunidade, seus anseios, suas dificuldades e a correlação de áreas como educação, segurança

e, até mesmo, a natureza enquanto agentes de promoção de saúde.

Sob o tema “O mundo de cabeça para baixo novamente – saúde global em uma época de pandemias, mudanças climáticas e tumultos políticos”, Crisp, que iniciou dizendo ter acabado de testar positivo para Covid-19, destacou que a pandemia



escancarou problemas em nível global, como a desigualdade, que ficou explícita tanto no acesso a tratamentos quanto às vacinas.

Segundo o britânico, a pandemia também demonstrou a união e fluidez no trabalho dos setores público e privado. “Mas vimos que precisamos focar nas pessoas e não nos governos”, reiterou o ex-secretário, que, apesar de fazer parte do parlamento britânico se autointitula independente e não um político.

Para ele, a saúde é um assunto que ultrapassa fronteiras, perpassa as comunidades e a sociedade, e desponta para a influência global. “Com esse novo governo eleito no Brasil, esperamos ter uma melhora”, disse.

Crisp defendeu que o cuidado esteja além do tratamento de doenças, mas que comece na prevenção. E este trabalho começa por conhecer as comunidades onde as pessoas habitam, fazer uma avaliação das necessidades locais, e com compaixão, não por imposição de métodos pré-estabelecidos “misteriosamente”.

Para exemplificar essa forma de promoção à saúde, que chamou de holística, Crisp citou casos do Reunido Unido e falou de um exemplo em que escola, polícia e comunidade pensaram e resolveram juntos um problema em comum: a incidência de depressão perinatal em áreas mais pobres da comunidade. Por meio desse trabalho em conjunto, segundo o britânico, os filhos das mulheres acometidas pela doença estavam inseridos na escola e longe da criminalidade. “Os relacionamentos estão acima do sistema”, defendeu.

Ele afirmou ainda que os grandes hospitais podem aprender com os países mais pobres no que diz respeito à promoção de saúde centrada no indivíduo. E o caminho é aprender a escutar o que a população local tem a dizer.

Neste sentido, Crisp acredita que é dentro das universidades



que a mudança de cultura será fomentada. Para ele, os profissionais do século 21 precisam ser formados para ser agentes de mudança. O britânico também fez um alerta sobre as tecnologias do futuro como medicina artificial. “Lógico que existem as habilidades clínicas, mas deve haver mais espaço para compaixão e relacionamentos para influenciar pessoas, uma mudança dentro da cultura da medicina.”

A ecologia está no centro das discussões de Crisp como promotora de bem-estar. “Criar a saúde, a prevenção, e entender as causas de doenças, entram na questão de ecologia.” De acordo com ele, essa é uma das formas de se criar condições para que

as pessoas estejam saudáveis. “Existem evidências médicas que relacionam nosso bem-estar com o acesso à natureza, como a prevenção do Alzheimer. O isolamento social também pode ser prejudicial para a saúde mental.”

Crisp também opinou sobre o que pode ser útil no Brasil, dadas suas experiências. “Se eu fosse conselheiro do presidente eleito, eu diria que bem-estar e saúde são a base da prosperidade de um povo. Mas, no âmbito da saúde, existe muita coisa a ser feita como condição mínima. Saúde e prosperidade nem sempre são uma questão da economia. A proteção da Amazônia está relacionada com a saúde no Brasil. Aliás, a COP27 discute isso este ano”, finalizou.



Global drivers of change

Health and well-being central to society
Changing disease patterns, health risks and demography
Crises in health systems and the health workforce
Transformational advances in science and technology
External events – pandemics, climate change, war



All-Party Parliamentary Group
on Global Health

Probable
Futures and
Radical
Possibilities
A collection of reflections
on health/well-being globally
Summer

CONAHP
Congresso Nacional
de Hospitais Privados 2022

O FUTURO DA ATENÇÃO BÁSICA À SAÚDE NO BRASIL



Interoperabilidade, formação de profissionais e aprimoramento da comunicação com a população estão entre os desafios do combate à fragmentação do sistema de saúde

O tema “Repensando a Atenção Básica e a coordenação de cuidados para um sistema de saúde fragmentado e um país de grandes desigualdades” foi o centro do segundo debate do Conahp 2022, e contou com a participação de especialistas nacionais e internacionais.

Com moderação de José Marcelo Amatuze de Oliveira, diretor-presidente do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, os palestrantes abordaram os principais desafios e obstáculos enfrentados atualmente pelo Sistema Único de Saúde (SUS), trazendo uma visão sobre o futuro da atenção básica e as melhorias do sistema em um cenário pós-pandêmico, considerando ainda o momento de transição de governo que o Brasil vive.

O bate-papo teve início com a participação de Minal Bakhai, diretora nacional de Transformação da Atenção Primária no NHS, o “SUS” do Reino Unido. A fala de Bakhai proporcionou uma troca de experiências e indicou caminhos para o aperfeiçoamento do





sistema que, segundo ela, vai além dos avanços tecnológicos. O foco deve estar na melhoria da comunicação com a população.

“Primeiro, temos que criar uma interface de fácil acesso, ampliando o cuidado com a linguagem e com o design da plataforma, a fim de criar uma experiência mais empática e assertiva e auxiliar a população nessa evolução, na forma como utiliza e procura pelos serviços de saúde”, destacou.

Trazendo o tema para a experiência brasileira, o consultor do Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (Conass), Eugênio Vilaça, afirmou que, entre

os principais desafios, estão aumentar a oferta de serviços em municípios de difícil acesso, bem como melhorar a estrutura das unidades do SUS em todas as regiões do país, além de reduzir o *turnover* profissional e integrar as tecnologias de autocuidado. O especialista também destacou a importância de fortalecer a cultura de promoção e prevenção à saúde nesse processo.

Vilaça defendeu ser crucial, no atual momento, que se promova uma revolução na cultura e integração de todos os sistemas. “A superação da fragmentação e organização exige mudança no modelo de gestão, de financiamento e de atenção à saúde.”



TECNOLOGIA COMO BASE PARA O CONTROLE DA SAÚDE DA POPULAÇÃO

Para corroborar com o tema, Pedro Batista, Head de Inovação na IAsis Health, reforçou a importância de construir a interoperabilidade da rede, ou seja, promover a integração de todos os sistemas em uma plataforma que contemple os padrões de segurança e de controle para o acesso às informações dos pacientes.

“Temos, em média, 20 sistemas sendo utilizados hoje para controlar as informações do paciente. Quando não temos a integração entre um sistema e outro, começamos a ter perdas de informações, o que chamamos de pontos de alerta, essenciais para entendermos quais são os focos de atenção à saúde de cada paciente”, frisou.

Além da questão tecnológica, a formação dos profissionais de saúde foi destacada por todos os participantes como fator elementar no processo de modernização da atenção básica. “Temos que pensar na educação em toda a sua extensão, inovar no jeito que estimulamos e preparamos os jovens para suas escolhas e formações. Não podemos pensar na saúde sem pensar na formação de

nossos profissionais”, ressaltou a professora titular da FGV-EAESP Ana Maria Malik.

Indo ao encontro à fala de Minal Bakhai, Malik defendeu ainda que, além de olhar para a formação profissional, é necessário fortalecer a educação da população antes mesmo de chegar no nível universitário. “Os discursos são fáceis de assimilar, mas a prática depende do ser humano, e o ser humano tem um pensamento incontrolável. Temos que conseguir cada vez mais melhorar nossas características e habilidades de comunicação para chegar a todos os públicos, unificando a mensagem da promoção e prevenção à saúde”, finalizou.



A SAÚDE BASEADA

EM VALOR ENTRA

EM PRÁTICA

Conceito começa a sair do papel e mostrar o seu potencial em programas inovadores

A saúde baseada em valor é um conceito tratado como fundamental para o setor enfrentar os enormes desafios que têm pela frente. Para grande parte dos profissionais e das organizações, no entanto, o tema permanece abstrato, com poucas informações, e estudos sobre experiências práticas são raros. “É preciso trazer cases reais para ilustrar e até evitar que o assunto fique desgastado”, disse o consultor Ary Ribeiro, que foi o moderador da plenária sobre o tema no Conahp online.

Pedro Magalhães, sócio fundador da Academia VBHC, apresentou o Joinvasc, um programa da cidade de Joinville, em Santa Catarina, que monitora mais de 10 mil pessoas para fazer a gestão do AVC no município. De acordo com Magalhães, diversos princípios da saúde baseada em



valor são utilizados, como apuração e análise de dados, integração do paciente ao cuidado, transparência nas informações e tecnologia, entre outros. “Temos todos os *stakeholders* engajados e integrados, e uma quantidade de inteligência que permite criar estratégias de prevenção exclusivas para faixas específicas da população”, contou.

Keila Amaral, gerente do Núcleo de Estudos e Análises (NEA) da Anahp, apresentou o Programa de Desfechos Clínicos da Associação, que é baseado na produção e compartilhamento de informações para que os hospitais aprimorem seus processos. A especialista explicou que a iniciativa permite um alinhamento técnico e conceitual para medir resultados de forma padronizada. “A partir disso, é possível estabelecer um *benchmarking* para que as organizações

aprendam umas com as outras e evoluam em conjunto”, destacou.

Já Márcia Makdisse, sócia fundadora da Academia VBHC, abordou os resultados de pesquisas sobre o assunto pelo mundo para contextualizar os desafios da passagem da teoria para a prática. “Temos que medir melhor a experiência do paciente, construir mais *experience groups* e engajar os profissionais com informação. Está na hora de sair dos dados e partir para a ação”, finalizou.



CRISE CLIMÁTICA NO CENTRO DO DEBATE DA SAÚDE

Shweta Narayan falou sobre a vulnerabilidade dos sistemas de saúde em relação ao tema e destacou a importância do setor como disseminador de prevenção e informações confiáveis

Abrindo o segundo dia da versão online do Conahp 2022, a indiana Shweta Narayan, pesquisadora e ativista internacional de clima e saúde da Health Care Without Harm (HCWH), destacou que a crise climática global deve ser um assunto central no setor da saúde e apontou a importância dos hospitais

servirem como exemplos de construções sustentáveis, em linha com a mitigação dos problemas relacionados ao tema.

Narayan alertou para o fato de que todos os sistemas ficam ameaçados no contexto da crise climática, incluindo água, alimento



e a própria economia, que, segundo ela, tem que ser pautada pela saúde. “Quando acontece [a crise climática], as pessoas adoecem e isso afeta os hospitais, que não estão preparados para acontecimentos fora da sazonalidade. Por isso, agir de forma proativa e preventiva é o caminho.” Ela se refere a casos de poluição e enchentes que afetam a saúde respiratória e aumentam a proliferação de doenças transmissíveis, respectivamente, atingindo, principalmente, as populações mais vulneráveis. “Temos um chamado para sermos exemplo.”

A ativista chamou a atenção para que o setor atue como líder nas pautas do clima nas mesas globais de discussão. E ressaltou a importância de envolver os colaboradores nessa missão, para

que eles entendam os problemas climáticos e possam ser agentes disseminadores de prevenção, de informações confiáveis, baseadas em evidências. “Se continuarmos, 70 milhões de pessoas vão morrer por causa de estresse climático até o final do século. O setor da saúde pode salvar pelo menos metade delas se colocar em prática algumas ações como essas.”

Narayan ainda fez um alerta para a formação dos profissionais. “Nas faculdades, não temos matérias climáticas. Se não aprendemos isso na formação, não entenderemos na realidade. Como poderemos ser multiplicadores?”, questionou. “A crise climática não é algo do futuro, está acontecendo agora e as manifestações são cada vez mais frequentes.”

HOSPITAIS COMO EXEMPLO

A pesquisadora apontou ainda como as instituições não sustentáveis podem contribuir negativamente para os problemas do clima. De acordo com Narayan, é urgente o planejamento de hospitais mais sustentáveis, que atuem como exemplo, utilizando energias renováveis, como a solar, otimizando a utilização de insumos, comprando alimentos de produtores locais e trabalhando para a diminuição da pegada de carbono. “O sistema de saúde contribui com 5% de emissões de gases carbônicos”, explicou.

Shweta é parceira do projeto Hospitais Saudáveis, iniciativa brasileira que lidera o estudo de redução da pegada de carbonos nos hospitais e clínicas. “Combustíveis fósseis são um dos principais fatores de problemas climáticos. Ocasionalmente causam 13 mortes por minuto.” São cem instituições de saúde com inventários anuais. “Não é suficiente, mas não é pouca coisa. E o Brasil aponta como exemplo em vários sentidos.”

ESG AVANÇA PARA PROMOVER A EQUIDADE, INCLUSÃO E DIVERSIDADE

Líderes destacam que o ESG, assim como as organizações de saúde, tem o propósito de fazer diferença na vida das pessoas

Uma das plenárias do Conahp 2022 abordou o ESG na saúde e como as empresas estão se adaptando ao conceito. Arthur Lima, CEO e Founder da AfroSaúde, uma *healthtech* que atua pela inclusão no setor, destacou que está evidente um maior interesse dos gestores em entender o porquê e

como implementar e medir ESG. “E muitos querem ter certeza de que é realmente uma tendência e não uma moda”, revelou.

Para Lima, as empresas devem buscar a humanização para facilitar a compreensão e a implantação do ESG. “É preciso ressaltar que não se trata de marketing. É sobre equidade e bem-estar, pois a nossa missão é melhorar a vida das pessoas”, afirmou.

Fernando Torelly, CEO do Hcor e presidente da Associação Voluntários da Saúde, falou sobre as ações do hospital focadas principalmente no combate às desigualdades que, na sua avaliação, ainda são extremas no sistema de saúde. “A democratização do conhecimento e da capacidade de gestão são fundamentais para



combater o problema”, destacou. O executivo também sugeriu que ações ESG devem fazer parte da estratégia da organização e serem absorvidas como propósito. “Realizamos um trabalho para implantar uma cultura de ESG, desenvolvendo os líderes e engajando as equipes de acordo com o conceito”, contou.

Fleury Johnson, head global de Saúde da Nubank, apresentou um projeto de promoção da

diversidade entre os profissionais de saúde. “Quando um negro se torna médico, ele causa um impacto tremendo na sua família e comunidade”, destacou. E completou dizendo que essa é a principal função das organizações de saúde e o fundamento do conceito ESG. “Temos que fazer a diferença na vida das pessoas.”

A moderação da plenária foi feita por Neivia Justa, líder de Cultura, Inclusão e Diversidade da UHG Brasil.



FUNDOS DE INVESTIMENTOS NA SAÚDE TRAZEM SUPORTE À SUSTENTABILIDADE DO SETOR

Sob o tema “O papel dos fundos de investimentos na saúde x crescimento sustentável do setor”, participantes debateram os principais desafios para a expansão dos negócios

Visto até poucos anos atrás com preconceito, os fundos de investimento na saúde vêm assumindo relevância no setor, visando, mesmo que em um contexto recente em comparação aos outros mercados, contribuir para a sustentabilidade das instituições.

A mesa redonda, mediada pelo presidente da Comissão Científica do congresso e CMO da Amil, Charles Souleyman, contou com especialistas da área que discutiram, entre outros assuntos, o cenário de grande fragmentação na oferta de serviço, no tamanho dos hospitais

e no desafio de conciliar escalas e padrões a fim de preservar a qualidade assistencial.




Para Bruno Silva, Senior Research Analyst e Partner da Squadra Investimentos, é fundamental ter o reconhecimento de que a contribuição do mercado financeiro é positiva para a sustentabilidade do setor como um todo. “Não existe sustentabilidade de forma geral se não tiver sustentabilidade financeira”, destacou.

Segundo o especialista, empresas do ramo da saúde que buscam a consolidação do negócio podem obter inúmeras vantagens que irão, necessariamente, refletir na melhora do atendimento de seus

pacientes. “O crescimento em escala, por exemplo, pode trazer economia na aquisição de leitos, ampliar a capacidade de negociação para garantir reajustes e novos credenciamentos que preservem a sustentabilidade financeira, além de facilitar o acesso ao capital para investimentos tecnológicos, entre outros benefícios”, frisou Silva.

Para isso, é fundamental compreender que o interesse do mercado financeiro está nos grupos que querem crescer e expandir. Trazendo como exemplo o case da Rede Mater Dei de Saúde, representada no debate pelo diretor





de Operações, José Henrique Salvador, para atrair capital, a companhia se voltou para dentro com foco em aperfeiçoar e garantir que a visão da empresa estivesse completamente alinhada com a estruturação da governança e com as estratégias e plataformas de gestão.

“Ao entendermos que conseguimos formar quadros institucionais que carregam nossa filosofia e pessoas que clamam por crescimento e novas oportunidades, que o que fazemos tem valor, sentimos que estávamos prontos para colocar em prática um plano sólido de expansão, visando crescimento a médio e longo prazo”, pontuou.


Para Salvador, o crescimento de uma empresa da saúde depende de um alinhamento profundo entre sua missão e seus objetivos. “É colocar o paciente no centro do cuidado e o cuidado no centro do negócio”, completou.

O especialista informou que a abertura do capital da Mater Dei proporcionou melhorias na gestão e nas questões relacionadas às decisões da empresa, que passaram a ser embasadas por dados de investidores, além da ampliação da visão de mercado em um modelo de parceria que fornece todo o suporte necessário para que a empresa siga expandindo sem impactar sua sustentabilidade financeira.

De acordo com os participantes, neste aspecto, os fundos de investimento são de extrema importância para que as instituições consigam gerar governança mais eficaz e ganhar escala.

Rodrigo Feitosa, presidente do Conselho Administrativo do Grupo Kora Saúde, por sua vez, ressaltou a importância de olhar para o futuro do negócio tendo como pano de fundo um trabalho minucioso de planejamento e preservação dos valores da empresa em todas as esferas.

O especialista explicou que um dos primeiros elementos que pautou a companhia em seu plano de expansão foi a garantia de contar com um grupo de médicos que comungasse dos valores da empresa para compor o núcleo de gestão. O objetivo do Kora, de acordo com Rodrigo, foi buscar o equilíbrio entre medicina de excelência, nível de serviço elevado e, claro, a sustentabilidade financeira. “Em nosso setor, não podemos olhar apenas para as metas financeiras, pois se há o desequilíbrio entre esses três pontos, não conseguiremos manter a qualidade assistencial. Só teremos sucesso no que fazemos se fizermos de forma sustentável e preservando o bem mais precioso: a saúde do paciente”, finalizou.



DIGITALIZAÇÃO

NA SAÚDE: LIDERANÇAS

APONTAM DIFICULDADES

DE IMPLEMENTAÇÃO

NO BRASIL

Conahp 2022 traz à luz obstáculos que o País enfrenta, como falta de conectividade em áreas isoladas, de ações do poder público e de uso correto das potencialidades

“A tecnologia e a comunicação como recursos fundamentais para a saúde do futuro” foi o tema que abriu o terceiro dia da versão online do Conahp 2022. Em discussão, a digitalização na saúde, suas dificuldades e a comparação com a Estônia, país que desponta como nação mais digital do planeta. Na ocasião, os debatedores compartilharam suas “dores” sobre o assunto e discutiram possíveis soluções para os sistemas de saúde público e suplementar do Brasil.

Rapahel Fassoni, CEO do Estônia Hub, diante de sua experiência com modelos de excelência, fez um alerta



de que as lideranças públicas e privadas precisam se coordenar no Brasil. “Aqui [na Estônia], usamos pessoas, tecnologias e leis. A fórmula foi vontade política, estrutura jurídica – já que a relação governo/sociedade

se dá por meio da lei, ambiente de negócios amigáveis e favoráveis, proteção de dados e educação.”

Fassoni reconheceu que os problemas financeiros no setor e a cultura sobre digitalização são gargalos. Mas defendeu que é preciso olhar para modelos como a Estônia para promover redução de custos e gerar receitas, pontos fundamentais na saúde suplementar, aumentando produtividade, eficiência, digitalização e ininterruptibilidade.

Já Guilherme Hummel, diretor-executivo e mentor do eHealth Mentor Institute (EMI), vê com bons olhos as discussões cada vez mais reais nos sistemas de saúde

brasileiro, mas criticou a falta de agilidade de se tirar do papel os planos para o futuro. “Todo mundo fala sobre o assunto, mas ninguém faz acontecer. As transformações digitais no Brasil são tímidas, e transformar um fluxo de trabalho em fluxo digital não é transformação.”

A fala de Hummel faz referência a projetos públicos não executados, citando como exemplo positivo o Projeto de Lei 10.106/18, do Senado. A proposta determina a publicação na internet de informações aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), acessíveis aos profissionais de saúde assistentes e aos pacientes, mediante uso de senha pessoal.



O mentor também chamou a atenção para o papel do Estado na transformação digital. “Para se fazer uma transformação, primeiro é necessário fazer o registro de pacientes compulsório”, ressaltou, mencionando o PL.

Jacson Barros, Strategic Business Development Manager na Amazon Web Service (AWS), que integrou o time do Ministério da Saúde durante a pandemia, destacou que apenas investir financeiramente em planos de digitalização não resolve o problema no país. Segundo o palestrante, existem 48 mil Unidades Básicas de Saúde (UBS) e apenas 60% estão informatizadas. “Entenda informatizada como tendo computador, mas sem informatização detalhada.”

De acordo com Barros, é necessário pensar a saúde como uma só. “Hoje, trabalhamos em processos

distintos e quem perde com isso é o paciente.” Para finalizar, ele falou sobre ininterruptibilidade. “Se, num primeiro momento, conseguirmos pelo menos compartilhar e alinhar essa jornada do cliente, avançamos para o próximo passo, como destacamos as comorbidades. Não percebemos as doenças crônicas nos sistemas digitais.”

Giovanni Cerri, presidente do Icos e do conselho no Instituto de Radiologia do HCFMUSP, disse ser necessário que os gestores, sejam eles prefeitos ou governadores, mantenham a continuidade de projetos como política de Estado e com capilaridade para um país continental como o Brasil. Nesse sentido, ele alerta que ainda é preciso transpassar um obstáculo: a falta de conectividade em alguns locais. Cerri usou como exemplo a Amazônia, onde aplicou um projeto piloto e pode constatar que há aderência aos atendimentos digitais, mas, sem internet estável, os contatos são interrompidos.

“A saúde digital pode contribuir na inclusão, na melhoria do atendimento, levar especialistas onde não existem e capacitar os profissionais de forma mais democrática, além de reduzir a desigualdade.” Segundo ele, a digitalização vai muito além da telemedicina e de uma consulta bem-feita. “Deve haver monitoramento de dados para a redução das doenças crônicas e a promoção de vida e hábitos saudáveis”, finalizou.



PARA ALÉM DA TECNOLOGIA, DESAFIO DA EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS DE SAÚDE ESTÁ NA MUDANÇA CULTURAL

No terceiro dia do congresso, encontro entre especialistas nacionais e internacionais promove debate sobre o novo papel dos hospitais na evolução do setor

Considerar os avanços tecnológicos como aliados na busca por melhorias no setor hospitalar e na ampliação da assistência, seja em termos de qualidade ou em oportunidades de acesso, está entre os principais focos das organizações de saúde da atualidade.

Mediados pelo CEO da Expirie Solutions, Erickson Blun, especialistas compartilharam experiências e desafios enfrentados pelas instituições para implementar projetos de saúde integrada e descentralização hospitalar de forma robusta e sustentável frente às barreiras sociais, econômicas, geográficas e políticas do país.



O debate teve início com a apresentação do case da Kaiser Permanente pela diretora da companhia, Karin C. Cooke. Através de sua experiência, que foi bastante impactada pela pandemia de Covid-19 nos EUA, ela falou sobre a necessidade de se promover uma mudança cultural, tanto nas organizações como entre a população. “Nós precisamos parar de cuidar da doença e passar a cuidar da saúde. Queremos manter nossos pacientes saudáveis para que eles não necessitem dos hospitais”, afirmou.

Segundo a executiva, a tecnologia tem um papel importante no avanço de projetos como plataformas de telemedicina, redução do tempo de

internação e promoção à saúde por meio da prevenção, entre outros. No entanto, é preciso observar o comportamento do paciente e propor mudanças profundas nos modelos de gestão das empresas, a fim de engajar todas as partes em um mesmo objetivo.

Cooke destacou que as inovações desenvolvidas pela companhia partem de uma missão consistente de fornecer tratamentos médicos acessíveis à comunidade, garantindo a sustentabilidade do negócio. Para isso, integram hospitais e grupos de médicos, bem como laboratórios, farmácias e outros agentes da saúde, para fornecer a cobertura completa ao paciente.



“Nossos médicos ganham salário fixo, sendo assim, não recebem mais ou menos conforme o número de atendimentos realizados ou exames solicitados. Não é benéfico para nós, por exemplo, que o paciente fique no hospital por mais tempo do que o necessário para seu tratamento”, reiterou.

Desenvolvendo estratégias para levar o cuidado para a casa do paciente, reduzindo o tempo de internação e propiciando mais conforto e bem-estar, a Kaiser Permanente criou um modelo que visa projetar a assistência para um cenário futuro, repensando a forma como as pessoas se relacionam com a saúde.

Para Chao Lung Wen, chefe da disciplina de Telemedicina da FMUSP e presidente da ABTms e CBTms, é necessário que se promova a fusão entre hospitais e a expansão da conectividade para o paciente. “Nós temos, no Brasil, uma resolução sobre a telemedicina muito bem construída. O que precisamos fazer é difundir o tema, além de aperfeiçoar a formação de todos os médicos e profissionais da saúde para melhor aproveitamento dessas ferramentas.”

Ele explicou que a telemedicina engloba uma série de serviços que visam gerar eficiência no processo. Para Chao, os hospitais brasileiros precisam se adaptar a uma nova realidade tecnológica, institucionalizar o serviço



conectado do pós-operatório e promover a integração dos atendimentos entre hospitais. “Se pensarmos em programas de tele-homecare, de multicidades domiciliares, vamos reduzir tempo de internação, diminuir o desperdício e ampliar a eficiência e sustentabilidade”, completou.

A fala do especialista foi complementada por Diogo Porto Dias, diretor de Operações da Regional Norte na Rede Mater Dei de Saúde. Segundo ele, as empresas de saúde que mais cresceram em 2021 compartilham a ideia do hospital como um *hub*. Dias frisou que os hospitais são, por natureza, agregadores de todo o ecossistema de saúde, já que se relacionam com os diversos atores e concentram as maiores estruturas de assistência. Mas é necessário haver uma evolução para que se alcance uma efetiva integração entre todos os níveis de cuidado, incluindo atenção primária, secundária, pós-agudo etc.

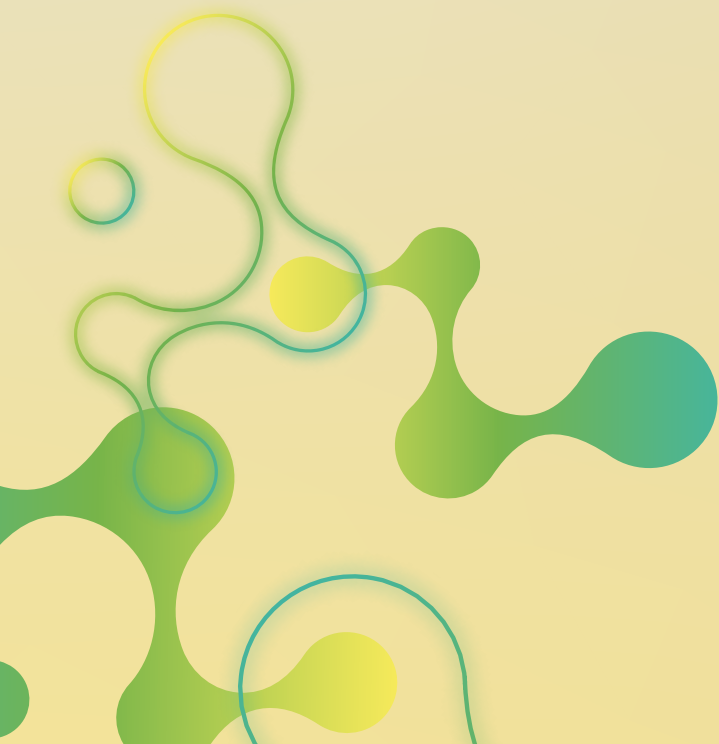
“Na Mater Dei, temos o projeto de construir produtos em parceria com as operadoras de saúde, por exemplo, no intuito de promover uma espécie de verticalização virtual do atendimento com foco na atenção primária. Acreditamos que, se formos bem-sucedidos em promover a cultura da prevenção lá no começo do processo, que é antes do paciente adoecer, então todo o resto da cadeia será beneficiada.”

Esse é também o objetivo da Rede D’Or São Luiz, segundo seu vice-presidente executivo, Maurício Lopes. De acordo com ele, o Brasil ainda enfrenta dificuldades no avanço de estratégias como estas, sobretudo pela cultura “hospitalocêntrica”, ou seja, que tem na instituição hospitalar a referência do cuidado e segurança que o paciente busca. A partir daí,

o executivo acredita que o caminho seja por meio do alinhamento de incentivos entre todos os agentes. “Temos que encontrar uma forma de garantir que todas as frentes do cuidado tenham o incentivo adequado para que se comprometam com a evolução do sistema de forma geral.”

Outro obstáculo destacado por Lopes é o cenário de desigualdade do país. Ele apontou que, mesmo que ocorra uma evolução do *hub*, quando se pensa no Brasil em toda a sua dimensão e particularidades regionais, ainda parece mais seguro manter o tratamento do paciente em um hospital, onde ele terá toda estrutura que precisa.

De acordo com o executivo,, deslocar serviços para a casa do paciente, por exemplo, é uma ação desafiadora para o Brasil, considerando a desigualdade social, condições diversas de moradia e, em muitos casos, a falta de infraestrutura básica, como saneamento, água tratada ou uma alimentação de qualidade. “Como conseguiremos levar essa população para casa? Os vários ‘brasis’ aparecem aqui. Mas acreditamos que esse é o caminho para o futuro, portanto, vamos continuar insistindo para descobrir de que forma resolver esse impasse”, finalizou.



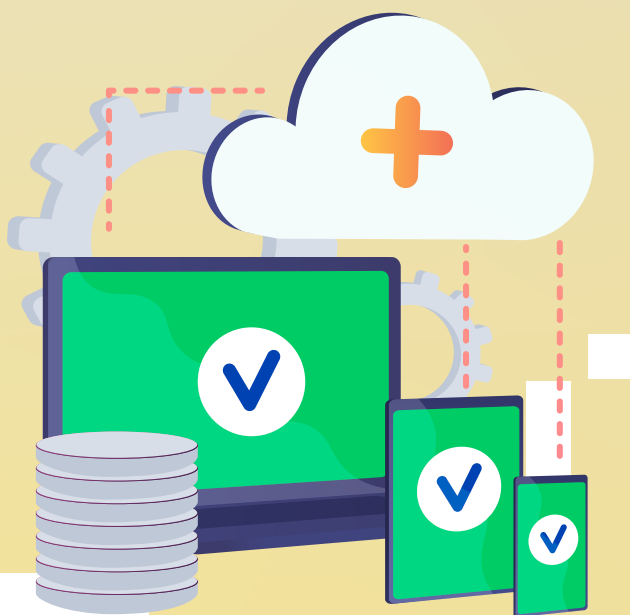
INTEROPERABILIDADE E GESTÃO DE DADOS PARA MELHORIAS NO SISTEMA DE SAÚDE

Com cases da Holanda, Alemanha e Brasil, especialistas discutem tema a partir de diferentes panoramas e debate instiga reflexão sobre a importância de uma infraestrutura integrada no setor

O último debate da programação online do Conahp 2022 abordou o tema “Interoperabilidade e gestão eficiente de dados para o ganho de eficiência no sistema de saúde: experiências exitosas e perspectivas para o Brasil”. Com a moderação de Caio Soares, presidente da Saúde Digital Brasil, a palestrante Janneke

Timmerman, gerente de Programa na Health-RI, apresentou uma iniciativa desenvolvida na Holanda para facilitar uma infraestrutura integrada de dados na área da saúde a fim de compartilhar conhecimento com cidadãos, pesquisadores, profissionais e organizações.

A participante expôs ao público os desafios do projeto Health-RI, além de explicar como todo o trabalho de incentivo à interoperabilidade é desenvolvido nos países baixos. Segundo Timmerman, de início, a instituição segue o projeto focando em regiões específicas do país, para que, a partir disso, possa expandir para um *hub* central, um portal nacional. “Queremos desenvolver



um marco de trabalho nacional pensando em questões jurídicas. A ideia é criar uma boa infraestrutura de dados 'One-stop Shop', um lugar único para se encontrar todas as soluções, todas as informações num centro de integração", destacou.

Timmerman também falou sobre os obstáculos técnicos, legais e éticos que os holandeses estão enfrentando para tornar o intercâmbio de dados funcional e enfatizou a necessidade de a comunidade europeia caminhar em conjunto para atingir inovações

nesse sentido. "Depois da criação desse portal, queremos entender ainda mais o nosso sistema de saúde. Queremos ter medicina de precisão, oferecer terapia ajustada para cada paciente, para cada caso específico. A medicina está ficando cara, é importante reduzir custos sem perder qualidade. E a utilização de dados de forma eficiente pode ajudar e trazer inovações para o setor", enfatizou a gerente.

Após a apresentação, Ricardo Campos, diretor do Instituto LGPD, complementou com suas vivências



na Alemanha e apontou o fato de a Europa estar caminhando na construção de um espaço comum de compartilhamento de dados, além de ressaltar como isso é importante para a área saúde. “Cada vez que se utiliza dados de pacientes no setor de saúde, seja para diferentes finalidades, nós ainda temos como problema a falta de um sistema uniforme. Precisamos pensar desde farmácia, operadoras, até hospital. O mercado deve abordar um ecossistema, de diferentes pontos.”

O exemplo de prontuários médicos digitais na Alemanha e todas as práticas envolvidas fizeram parte da discussão. “Eles dependem de uma enorme quantidade de dados para produzir um resultado eficiente. Sem uma política focada em uma infraestrutura comum que consiga acumular um processamento grande de dados, é difícil alavancar essa tecnologia”, relatou Campos. Ele também defendeu a importância de que diferentes sistemas informáticos sejam interoperáveis. Ou seja, aptos a funcionar com outros sistemas sem muitos esforços.

E, para corroborar com o tema, Rodrigo Gaete, arquiteto de Negócios da RNDS no DATASUS, incluiu no debate as perspectivas do Brasil. “O Ministério da Saúde discute muito a saúde digital e

como fazer todo o ecossistema funcionar, como criar uma rede para conectar todos esses dados. Estamos avançando nas discussões nos âmbitos nacional e regional. No DATASUS, somos também provocados sobre o âmbito internacional.”

Gaete apresentou as estratégias do plano de ação de saúde digital no Brasil de 2020 a 2028, explicando cada um dos pilares que estão sendo trabalhados. E salientou a realidade do país, que ainda tem como obstáculo a troca de informações entre instituições públicas e privadas. O aplicativo ConecteSUS foi um dos *cases* apresentados.

O participante encerrou o momento destacando a relevância de as pautas relacionadas aos cuidados do cidadão em saúde serem discutidas, para que, assim, ocorram evoluções em interoperabilidade. “Que a gente possa olhar para um caminho colaborativo e integrado, um trabalho que evolua”, finalizou.

CONAHP CAFÉ:

Destques do congresso na voz de especialistas

Desde a primeira edição online do congresso, em 2020, o quadro Conahp Café conquistou a simpatia de congressistas e palestrantes. Durante os dias do evento digital, ao final da programação do dia, a jornalista Izabella Camargo comanda um bate-papo descontraído com convidados para fazer um balanço de tudo o que foi abordado até então. Neste ano, a tradição foi mantida e o momento rendeu conversas interessantes.

O primeiro encontro teve o patrocínio da Medtronic e recebeu os convidados Ana Maria Malik, professora titular da FGV-EAESP, e Igor Zanetti, diretor



de Acesso ao Mercado e Relações Públicas da Medtronic. Já no segundo dia, o bate-papo foi com Vanessa Teich, superintendente de Economia da Saúde do Hospital Israelita Albert Einstein, e o consultor Ary Ribeiro. E, para fechar, o último “cafezinho” foi com Antônio Britto, diretor-executivo da Anahp, e Charles Souleyman, presidente da Comissão Científica do Conahp 2022 e CMO da Amil.

Além de destacar os pontos altos das palestras do dia, os convidados também puderam comentar os resultados das enquetes, revelados durante a conversa, e conhecer os destaques do Conahp Social – especial Voluntários da Saúde.



Opinião do **congressista**

Durante a programação online do Conahp 2022, uma das formas de interação do público no congresso digital foram as enquetes. Ao início de cada plenária dos dias 07 e 08 de novembro, os congressistas puderam interagir opinando sobre temas como a saúde no cenário sociopolítico mundial, modelos de

atenção primária no Brasil, saúde baseada em valor, a relação entre saúde e a crise do clima, ESG e investimentos no mercado de saúde.

Confira, na sequência, o resultado de cada uma das seis enquetes promovidas durante os dias de Conahp online.

Como você avalia o impacto do atual cenário sociopolítico brasileiro na saúde?

7,14%

Com a pandemia, a saúde foi finalmente colocada no foco dos debates e, por isso, está recebendo toda a atenção que merece mesmo em meio a outras questões também fundamentais.

67,41%

Apesar de todos os males, a pandemia colocou a saúde e seus desafios em evidência. Ainda temos um longo percurso pela frente, mas conquistamos espaços importantes nos últimos dois anos.

25,45%

Infelizmente, as pautas da saúde ainda são deixadas de lado e estão longe de ocuparem o espaço que merecem, já que se trata de um assunto essencial à vida humana.

Qual a sua percepção sobre o modelo de atenção à saúde praticado no Brasil?

5,49%

Nosso modelo é totalmente focado na atenção curativa, sem qualquer iniciativa direcionada para atenção primária e coordenação de cuidados, tanto no setor público quanto no privado.

20,88%

O SUS possui iniciativas interessantes focadas na atenção primária, mas ainda precisa se estruturar melhor. A saúde suplementar ainda não possui qualquer iniciativa focada na atenção primária e coordenação de cuidados.

73,63%

O SUS possui programas estruturados focados na atenção primária e cuidados coordenados de saúde, mas faltam recursos e gestão. A saúde suplementar começa a trabalhar algumas iniciativas neste sentido, mas ainda de forma incipiente.

Para você, Saúde Baseada em Valor:

36,84%

Já é uma realidade na instituição de saúde onde eu atuo e já estamos colhendo frutos desse modelo de cuidado.

50%

É um ideal a ser perseguido, mas na instituição de saúde onde eu atuo ainda é um assunto que recebe pouca atenção.

13,16%

É um conceito muito difícil de ser aplicado e os parâmetros propostos são subjetivos e complicados de serem medidos, por isso minha instituição está longe de adotar este modelo de cuidado.

Na sua opinião, o que pode contribuir para mitigar os efeitos negativos das questões climáticas na saúde da população?

48,77%

A adoção de políticas públicas graduais, que prevejam menores emissões de gases, sem desacelerar o crescimento econômico.

51,23%

Um apelo global por um tratado de não proliferação de combustíveis fósseis, com apoio e investimentos de diversos setores, incluindo a saúde.

0%

As questões climáticas não interferem na saúde das pessoas.

Na sua percepção, o setor da saúde está se adaptando bem ao conceito ESG?

14,44%

Na empresa onde eu trabalho, as ações de ESG já estão muito bem implementadas e avançadas, e ouço a mesma experiência ao conversar com colegas ou visitar outras instituições.

64,44%

Vejo que a saúde tem investido e avançado no tema, mas ainda há um longo caminho para que as ações saiam do papel, a começar pela instituição onde eu trabalho.

21,11%

Não vejo evolução do setor no contexto de ESG, as ações das quais ouço falar ainda se limitam ao contexto da saúde e do bem-estar, deixando de lado outros princípios essenciais à sustentabilidade.

Na sua opinião, o interesse dos fundos de investimento no setor da saúde é mais importante porque...

36,26%

Com mais investimento, as instituições de saúde podem ter ganho de escala e oferecer serviços de saúde mais acessíveis, sem perder qualidade.

42,69%

Com mais investimento na saúde, o setor poderá evoluir ainda mais no que diz respeito a novas tecnologias e inovação.

21,05%

As instituições de saúde poderão focar em pesquisas, ensino e capacitação de profissionais.



CONAHP
Social
especial



VOLUNTARIADO NA SAÚDE:


Capacitação e apoio para o sistema público

Este ano, o braço social do Conahp fez uma parceria com a Associação Voluntários da Saúde a fim de dar visibilidade aos projetos desenvolvidos pela instituição, que atua em benefício de hospitais públicos por meio de ações de capacitação de liderança, gestão hospitalar e busca por creditações e níveis de excelência.

Os projetos selecionados para participar do congresso foram submetidos à votação do público,

que escolheu o trabalho que mais gostou, se identificou e se emocionou. Ao fim, os três mais votados tiveram a oportunidade de contar suas histórias durante o Conahp online, em uma conversa com o presidente da Voluntários da Saúde e CEO do Hcor, Fernando Torelly.

O quadro foi exibido durante o Conahp Café, ao final da programação do dia. E, agora, você pode rever as três histórias mais votadas reveladas no congresso.



GESTÃO E BUSCA PELA ACREDITAÇÃO Instituto São Vicente de Paulo (MG)



DIAGNÓSTICO E BUSCA PELA EXCELÊNCIA Santa Casa de Três Pontas (MG)



GERENCIAMENTO DE PROJETOS Vila São Cottolengo (GO)



Para saber mais sobre a iniciativa e conhecer outros projetos, acesse: www.conahp.org.br/2022/conahp-social

COMISSÃO CIENTÍFICA CONAHP 2022

Presidente: Charles Souleyman | Amil
Vice-presidente: Denise Santos | BP – A
Beneficência Portuguesa de São Paulo

Adriano Londres | Arquitetos da Saúde
Ana Maria Malik | FGV-EAESP
André Medici | consultor em saúde
Ary Ribeiro | conselheiro de Administração e
consultor
César Eduardo Fernandes | AMB
Eugênio Vilaça | CONASS
Gonzalo Vecina | FSP-USP
Luiz Fernando Reis | Hospital Sírio-Libanês
Martha Oliveira | Laços Saúde
Maurício Ceschin | Rede Mater Dei de Saúde, Pro
Matre, Santa Joana e Grupo Laços Saúde
Maurício Lopes | Rede D'Or São Luiz
Nelson Teich | consultor e ex-Ministro da Saúde
Paulo Chapchap | Dasa
Sidney Klajner | Hospital Israelita Albert Einstein
Vanessa Teich | Hospital Israelita Albert Einstein

CONSELHO FISCAL ANAHP

Antônio Alves Benjamin Neto | Hospital
Meridional (ES)
Dario A. Ferreira Neto | Hospital Edmundo
Vasconcelos (SP)
Hilton Roesse Mancio | Hospital Tacchini (RS)
Suplente: Eduardo Queiroz Jr. | Hospital Santa
Izabel – Santa Casa da Bahia (BA)

CONSELHO DE ÉTICA ANAHP

José Antônio de Lima
José Henrique Germann Ferreira
Reynaldo Brandt

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO ANAHP

Presidente: Eduardo Amaro | Hospital e
Maternidade Santa Joana (SP)
Vice-presidente: Henrique Neves | Hospital
Israelita Albert Einstein (SP)

Fernando Ganem | Hospital Sírio-Libanês (SP)
Fernando Torelly | Hcor (SP)
Henrique Moraes Salvador | Hospital Mater
Dei (MG)
Mohamed Parrini | Hospital Moinhos de Vento (RS)
Paulo Junqueira Moll | Hospital Memorial São
José (PE)
Rafael Borsoi Leal | Hospital Santa Lucia (DF)
Romeu Côrtes Domingues | Hospital São Lucas (RJ)

DIRETORIA-EXECUTIVA ANAHP

Antônio Britto



Novembro de 2022

Anahp | Associação Nacional
de Hospitais Privados
www.anahp.com.br



anahp
associação nacional
de hospitais privados